

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IFSP, CAMPUS SÃO PAULO
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
– ÊNFASE MAGISTÉRIO SUPERIOR**

GLEICE PREMAZZI BECCARINI

**AS CONTRIBUIÇÕES DA COMPETÊNCIA EMPREENDEDORA NA
FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES DE EMPRESAS**

SÃO PAULO

2014

GLEICE PREMAZZI BECCARINI

**AS CONTRIBUIÇÕES DA COMPETÊNCIA EMPREENDEDORA PARA
A FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES DE EMPRESAS**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Campus São Paulo, Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores – Ênfase Magistério Superior, como requisito para a obtenção do certificado de conclusão de *Lato Sensu* em Docência do Ensino Superior.

Orientador: Prof. Mestre Luiz Henrique Siloto

SÃO PAULO

2014

B353c Beccarini, Gleice Premazzi.
As contribuições da competência empreendedora para a formação de administradores de empresas / Gleice Premazzi Beccarini.
São Paulo: [s.n.], 2014.
43 f.

Orientador: Prof. Me. Luiz Henrique Siloto.

Monografia (Especialização Lato Sensu em Formação de Professores com Ênfase no Magistério Superior) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, IFSP, 2014.

1. Competência empreendedora 2. Formação de administradores de empresa
I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo II. Título

CDU 370.0

GLEICE PREMAZZI BECCARINI

**AS CONTRIBUIÇÕES DA COMPETÊNCIA EMPREENDEDORA PARA
A FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES DE EMPRESAS**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Campus São Paulo, Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores – Ênfase Magistério Superior, como requisito para a obtenção do certificado de conclusão de *Lato Sensu* em Docência do Ensino Superior.

Orientador: Prof. Mestre Luiz Henrique Siloto

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mestre Brenno Vitorino Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP

Campus São Paulo

Prof. Mestre Elaine Pavini Cintra

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP

Campus São Paulo

“A missão do professor não é dar respostas prontas. As respostas prontas estão nos livros, estão na internet. A missão dos professores é provocar inteligência, é provocar o espanto, a curiosidade.”

RUBEM ALVES

A todos que acreditam que a educação possa
transformar uma sociedade

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois com sua Graça Divina fui abençoada com saúde e inteligência para realizar essa pequena obra que realizei com muita dedicação e esforço.

Agradeço à minha família que durante esse tempo me deu todo o apoio e incentivo necessários para que eu pudesse concluir esse meu trabalho.

Agradeço ao meu orientador, que acreditou no meu potencial e me mostrou o rumo certo para concluir esse trabalho.

Agradeço a essa banca examinadora, que está direcionando seu precioso tempo para avaliar o meu trabalho, tão pequeno e simples, mas que representou um grande desafio em minha vida.

E, finalmente, agradeço aos meus professores e colegas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP - Campus São Paulo por ter compartilhado tantas informações, conhecimentos e experiências, os quais ajudaram-me a construir meu conhecimento que levarei por toda a minha vida.

RESUMO

Diante das mudanças provocadas pelo desenvolvimento tecnológico, o desafio das empresas e de seus profissionais é o de acompanhar e se preparar para lidar com esse cenário. As empresas procuram cada vez mais um profissional que tenha uma visão global do processo e uma postura comprometida com o empreendedorismo e a inovação. Para o profissional da administração de empresas, essas mudanças impõem uma formação diferenciada na busca de novos saberes, valores e competências necessários para atuarem de acordo com a demanda do mercado de trabalho. Formar administradores com visão e características empreendedoras representa importante alternativa à tendência tradicional das universidades de se formar administradores-gerentes. Portanto, o presente trabalho tem o objetivo de identificar as contribuições da competência empreendedora na formação do bacharel em administração de empresas e para a sua prática profissional. Para se atingir o objetivo, a metodologia de trabalho escolhida foi a pesquisa exploratória bibliográfica por meio de consultas às obras de referência sobre o assunto, tais como dicionários, livros, revistas, meios eletrônicos, trabalhos científicos em língua portuguesa publicados por vários teóricos do assunto e que vem contribuindo no entendimento do tema em questão.

ABSTRACT

Due to the changes caused by technological development, the challenge of companies and its professionals is to monitor and prepare to deal with this context. Companies are increasingly looking for a professional who has an overall view of the process and committed to entrepreneurship and innovation posture. For the professional business administration, these changes impose a differentiated training in pursuit of new knowledge, values and skills necessary to act according to the demand of the labor market. Administrators with knowledge and entrepreneurial characteristics represents an important alternative to the traditional tendency of universities to train administrators-managers. Therefore, this study aims to identify the contributions of entrepreneurial competences in the formation of bachelor in business administration and his professional practice. In order to achieve the goal, the work methodology chosen was exploratory research literature through consultations with works of reference on the subject, such as dictionaries, books, magazines, web search, scientific papers published in Portuguese by various theorists in this field and has contributed to the understanding of the topic.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	09
1.1.	Tema e problema	11
1.2.	Objetivos	11
1.3.	Justificativa do estudo	12
1.4.	Metodologia da pesquisa	12
2.	O EMPREENDEDORISMO	14
1.1.	O conceito do termo empreendedorismo e seu desenvolvimento histórico	14
1.2.	O que é ser empreendedor	18
3.	A EDUCAÇÃO E O EMPREENDEDORISMO	23
1.1.	O sentido da educação	23
1.2.	O ensino de empreendedorismo nas instituições de ensino superior	23
4.	O ADMINISTRADOR E A COMPETÊNCIA EMPREENDEDORA	28
1.1.	História da Administração	28
1.2.	A competência do Administrador	29
1.3.	A contribuição da competência empreendedora para o administrador de empresa	32
5.	CONCLUSÃO	37
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

Novos papéis e novas capacidades têm sido exigidos dos profissionais para atuarem com efetividade na inteligência dos processos sociais e produtivos na sociedade contemporânea denominada atualmente como “sociedade do conhecimento.”

Na esfera econômica, o fenômeno mais importante é a globalização dos mercados, ou como outros preferem denominar, a mundialização da economia. A competitividade internacional leva a modificações nos padrões de produção e consumo. Novas tecnologias de produção afetam a organização do trabalho, modificando cada vez mais o perfil do trabalhador necessário para esse novo tipo de produção. Surgem novas profissões, desaparecem outras. Há uma tendência de intelectualização do processo de produção implicando mais conhecimento, uso da informática e de outros meios de comunicação, habilidades cognitivas e comunicativas, flexibilidade de raciocínio etc. (LIBÂNEO, 2007, p.7)

A tecnologia e o desenvolvimento das comunicações aparecem como itens responsáveis pelas mudanças na sociedade contemporânea e conseqüentemente têm alterado cada vez mais o modo de vida das pessoas, das organizações, da cultura e da educação.

Essa denominada “sociedade do conhecimento” ou “sociedade da informação” que representa o conjunto de comunicação e tecnologia em toda a sua abrangência e que vai muito além da internet, vem redefinindo a economia global e transformando o mundo “inteligente” em todas as suas concepções. (SQUIRRA, 2005)

Essas mudanças representam um papel fundamental no desenvolvimento social e na produção do conhecimento, possibilitando cada vez mais novos desafios no processo de transformação e quebra de paradigmas.

Paralelamente ao avanço tecnológico e das comunicações, a inovação impulsiona e intensifica modificações na economia pelo aprimoramento e informatização dos sistemas de produção e comunicação, bem como, indicando uma nova forma de trabalho dos profissionais.

Diante dessas rápidas e profundas mudanças provocadas pelo desenvolvimento tecnológico, o desafio das empresas e de seus profissionais é o de acompanhar e se preparar para lidar com tudo isso e na mesma velocidade que essas mudanças ocorrem.

Desta forma, as empresas têm se modificado para sobreviverem nesse mercado competitivo e os recursos humanos, que representa o capital intelectual das organizações, também necessitam atuar com uma nova visão, conceitos e práticas.

As empresas passaram a adotar novos paradigmas e conceitos e o empreendedorismo tem sido uma das formas encontradas para acompanhar essas mudanças.

O momento atual pode ser chamado de a era do empreendedorismo, pois são os empreendedores que estão eliminando barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias,

globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações do trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade. (DORNELAS, 2008)

Segundo Fillion (2003), o empreendedorismo vem assumindo lugar de destaque nas políticas econômicas dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, por constituir uma peça importante no crescimento de uma economia e por representar diferentes formas de pensar.

O empreendedorismo tem revolucionado o mundo e acredita-se que cada vez mais esse movimento se intensifique e provoque mudanças na forma de se fazer negócios, fixando novos valores sociais, políticos e econômicos.

O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a Revolução Industrial foi para o século XX. (TIMMONS, 1990 apud DORNELAS, 2008, p.7)

Por sua vez, cabe à educação a responsabilidade de preparar o indivíduo para essas mudanças a fim de que possam atuar nesse mundo mais complexo.

Conforme Rehem (2009), as instituições educacionais representam a possibilidade de formar, preparar e qualificar os estudantes para esse cenário e, para isso, necessitam de um novo professor sintonizado com o mercado, com as novas tecnologias, com a economia e com a sociedade.

Portanto, as instituições educacionais brasileiras têm buscado formar e qualificar os educandos com uma visão empreendedora para prepará-los para atuarem nesse novo e crescente contexto e de acordo com as novas exigências das organizações empresariais.

Não obstante, se torna inevitável a necessidade de se formar administradores de empresas não somente com uma visão sistêmica, mas também com abrangência para gerir um negócio e voltados a desenvolver competências e habilidades empreendedoras.

Muitas instituições de educação superior têm escolhido o caminho da educação empreendedora e, portanto, desenvolvendo e agregando competências nas grades curriculares dos cursos de bacharelado de Administração de Empresas a fim de qualificar e preparar esse profissional em sua formação superior.

Na Conferência “Educação Empreendedora na Europa”¹, ocorrida em Oslo em 2006, discutiu-se exemplos mundiais acerca da educação empreendedora como também recomendações sobre a sistematização de programas para ensinar empreendedorismo na educação superior.

¹ A Conferência "educação para o empreendedorismo na Europa: Promoção do Espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem" ocorreu em Oslo em 2006, gerando ideias avançadas estruturadas em um catálogo detalhado de propostas de ações a "Agenda Oslo para Empreendedorismo e Educação da Europa". (AGENDA OSLO, 2006)

No Brasil, existem programas específicos criados por escolas de administração de empresas para a formação de empreendedores, e também cursos de curta e média duração, e ainda programas a distância. (DORNELAS, 2008)

O contexto atual é propício para o surgimento de um número cada vez maior de empreendedores. Por esse motivo, a capacitação dos candidatos a empreendedor está sendo prioridade em muitos países, inclusive no Brasil. Um dos exemplos é o desenvolvimento de currículos integrados que estimulem o empreendedorismo em todos os níveis, da educação fundamental à pós-secundária. (DORNELAS, 2008)

1.1 Tema e problema

Diante do desafio de preparar o profissional para atuar num mercado de trabalho competitivo e de profundas mudanças tecnológicas, inovadoras e de estímulo às atividades empreendedoras, as instituições de ensino superior buscam cada vez mais qualificar os jovens universitários, inserindo disciplinas que abordem o empreendedorismo como parte integrante dos currículos, principalmente nos cursos de graduação de Administradores de Empresas.

Sendo assim, neste trabalho, procurou-se responder a seguinte pergunta: Quais as contribuições da competência empreendedora na formação e prática profissional do bacharel em administração de empresas?

1.2 Objetivo

O objetivo geral desse trabalho é identificar as contribuições da competência empreendedora na formação e prática profissional do bacharel em administração de empresas, verificando as características relacionadas ao comportamento, habilidades e conhecimento do empreendedor e do administrador de empresas.

Para se alcançar o objetivo geral, foi proposta a realização dos seguintes objetivos específicos:

- Definir e contextualizar os conceitos de empreendedorismo e empreendedor;
- Verificar as competências do empreendedor e do administrador de empresas;
- Demonstrar a importância do tema para a educação superior, para o mundo do trabalho contemporâneo e para a administração de empresas.

1.3 Justificativa do estudo

As mudanças no mundo do trabalho exigem uma maior qualificação orientada a um novo modo de pensar. As empresas procuram cada vez mais um profissional que tenha uma visão global do processo e uma postura comprometida com o empreendedorismo e a inovação.

Para o profissional da administração de empresas, essas mudanças impõem uma formação diferenciada na busca de novos saberes, valores e competências necessários para atuarem de acordo com a demanda do mercado de trabalho e na construção de uma nova sociedade mais sustentável e inclusiva.

Segundo Dolabela (2008), o empreendedorismo ainda não é considerado uma ciência, mas está entre as áreas que mais se pesquisa e se publica e por isso tem se tornado cada vez mais um tema mundial e de grande relevância no mundo.

O empreendedorismo é um fenômeno econômico, cultural e se fundamenta na cidadania e visa a construção do bem estar coletivo e da cooperação. E por conseguinte, o empreendedor é um ser social e representa um agente de mudanças responsável pelo crescimento econômico e pelo desenvolvimento social. (DOLABELA, 2008)

No campo da administração, ainda prevalece a cultura de antigos conceitos. É necessário investir na formação de profissionais criativos e capazes de gerar e conceber sistemas e não apenas operá-los.

A importância do “ser” sobre o “saber” para a administração ainda é uma ideia nova que supõe lutar contra correntes que buscam a verdade numa única maneira de fazer as coisas, ou seja um método ou modelo ideal de gerenciamento.

Nas universidades de administração aprendem-se ferramentas e técnicas para se administrar uma empresa (SABER). Mas, não somente o instrumental será necessário para administrar uma empresa e levá-la ao sucesso. São necessárias habilidades (FAZER), características, comportamentos e atitudes (SER) que poderão conduzir o administrador ou não ao sucesso e, conseqüentemente, ao sucesso de sua administração e negócio.

As características e competências empreendedoras podem ser ensinadas e formar administradores com visão e características empreendedoras representando importante alternativa à tendência tradicional das universidades de se formar administradores-gerentes.

Por fim, a justificativa acadêmica na escolha da presente pesquisa é oferecer ao autor elementos que possam contribuir com a construção de seu conhecimento e prática docente.

1.4 Metodologia da pesquisa

Raupp e Beuren (2003) diz que é por meio da pesquisa científica que tomamos conhecimento sobre a produção científica existente.

Sob o ponto de vista da metodologia de trabalho, o propósito dessa pesquisa é fornecer informações para identificar as contribuições da competência empreendedora na formação e para a prática profissional do administrador de empresas.

Para atingir esse objetivo geral, as estratégias de pesquisa utilizadas foram a revisão bibliográfica e a pesquisa documental.

A metodologia do trabalho escolhida foi pesquisa bibliográfica por meio de consultas às obras de referência sobre o assunto, tais como dicionários, livros, revistas, meios eletrônicos, trabalhos científicos em língua portuguesa publicados por vários teóricos do assunto e que vem contribuindo no entendimento do tema em questão.

Cervo e Bervian (1983, p. 55) definem a pesquisa bibliográfica como a que “explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos”. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema”.

As pesquisas bibliográfica e documental foram realizadas com o objetivo de obter informações que proporcionaram, a partir de um referencial teórico e documental:

- Definir o que é empreendedorismo e as informações necessárias para analisar o desenvolvimento do termo no contexto histórico;
- Construir o conhecimento sobre o conceito de empreendedor e levantar informações sobre suas características, comportamentos, habilidade e conhecimentos;
- Levantar as competências e funções de um administrador de empresas;
- Fornecer elementos necessários para a visualização das competências empreendedoras que contribuem para a prática profissional do administrador de empresas no mundo contemporâneo;
- Demonstrar a importância do tema para a educação superior, para o mundo do trabalho contemporâneo e para a administração de empresas.

O estudo pretende fornecer elementos informativos sobre o problema pesquisado, conhecer as publicações existentes e as várias opiniões a respeito a fim de construir elementos que possam ser utilizados na elucidação e contribuir com a análise e reflexão sobre o tema.

2. EMPREENDEDORISMO

2.1 O conceito do termo empreendedorismo e seu desenvolvimento histórico

O empreendedorismo é um dos assuntos mais estudados na atualidade e sobre o qual mais se publica. Porém, ainda não é considerado uma ciência, por não existir padrões baseados em métodos científicos que garantam a partir de circunstâncias, pesquisas ou experiências um empreendedor de sucesso. (DOLABELA,2008)

Por outro lado, tendo em vista a importância que hoje se dá ao tema, muitos autores têm pesquisado e desenvolvido conceitos para explicar o empreendedorismo.

Esse capítulo pretende contextualizar o tema, levantando a definição dos autores que publicaram sobre o assunto.

Para Dolabela (2008, p.24), “O que significa o termo empreendedorismo? É uma livre tradução que se faz da palavra “*entrepreneurship*” que contém as ideias de iniciativa e inovação. É um termo que implica uma forma de ser, uma concepção de mundo, uma forma de se relacionar.”

Segundo Filion (1999), a palavra “*entrepreneur*” adquiriu no século XVII o significado atual com Richard Cantillon (1755), o primeiro a oferecer clara concepção da função empreendedora como um todo.

Jean-Baptiste Say (1816), economista e empreendedor, foi o segundo autor a demonstrar interesse pelo empreendedorismo em seus escritos e por ser o primeiro a lançar as bases de estudo, foi considerado como o pai do empreendedorismo. (FILION, 1999)

Entretanto, o economista austríaco Schumpeter (1928) relançou ideias sobre o empreendedor, associando-o ao desenvolvimento econômico e à inovação, demonstrando a importância dos empreendedores na explicação do desenvolvimento econômico. (DOLABELA, 2008; FILION, 1999)

Porém, Schumpeter não foi o único a associar empreendedorismo à inovação, como também Clark (1899), Higgins (1959), Baumol (1968), Schloss (1968), Leibesstein (1978) e vários outros além de estarem interessados em compreender o papel do empreendedor como impulsionador do sistema econômico. (FILION, 1999)

Como se observa, em um primeiro momento, o empreendedorismo foi identificado pelos economistas sob o entendimento do desenvolvimento econômico. Mas, posteriormente, os comportamentalistas passam a estudar o empreendedor como sujeito desse processo. (FILION, 1999)

Em resumo, a teoria do empreendedorismo apresenta duas significações do termo:

1. Teoria econômica (chamada de schumpeteriana), que identifica o empreendedorismo sob a visão econômica e de oportunidades associado à inovação, ligando os empreendedores ao desenvolvimento econômico - Cantillon (1755), Jean-Baptiste Say (1816), Clark (1899), Schumpeter (1928), Higgins (1959), Baumol (1968), Schloss (1968), Leibesstein (1978); e
2. Teoria dos Comportamentalistas, que identifica o sistema de valores como elemento fundamental para explicar o comportamento empreendedor e ampliando a teoria econômica - Max Weber (1930), David McClelland (1971), Timmons (1971), Fabio Kirzner (1973), Drucker (1986), Fowler (1997), Louis Jacques Fillion (1988), entre outros.

O comportamentalista McClelland foi o autor que deu início a contribuição das ciências do comportamento ao empreendedorismo. (FILION, 1999)

Ribas (2011) diz que com o desenvolvimento do capitalismo em virtude da Revolução Industrial iniciada na Inglaterra, historicamente, o empreendedorismo desenvolve-se a partir do início do Século XX, momento pós-revolução industrial, como resultado das mudanças ocasionadas pelo capitalismo.

A década de 1970 foi marcada pela globalização e, com ela, as empresas enfrentaram novos desafios principalmente na competitividade internacional, pois tiveram de passar a interagir com culturas diferentes, mercados diversos e novos modos de se negociar, mudanças de padrões de consumo, produtos diferenciados. E nesse novo cenário mundial, as oportunidades estavam na capacidade de reconhecer rapidamente todas essas mudanças e ter flexibilidade para não perder a eficiência e fazer a diferença (RIBAS, 2011).

Diante dessa nova realidade, as empresas tiveram de eliminar barreiras comerciais e culturais para renovar seus relacionamentos econômicos e conseguirem sobreviver no mercado competitivo, com ideias inovadoras, melhora na qualidade e nos serviços prestados, profissionais qualificados com uma visão diferenciada e um bom planejamento estratégico de enfrentamento de concorrentes.

Para Dornelas (2005, p. 39), “Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação dessas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso.”

Ribas (2011), define empreendedorismo como um processo de acúmulo permanente de experiências e de realizações produtivas, que se idealiza pela inovação e se concretiza por uma ação empreendedora.

O empreendedorismo é um conjunto de práticas capazes de garantir a geração de riqueza e está associado à iniciativa, o desembaraço e à inovação, ou seja, fazer coisas novas e/ou de maneira diferente, à capacidade de assumir riscos, pois as pessoas empreendedoras estão sempre prontas para agirem, desde que existam condições propícias para apoiá-las. (FILION, 2003)

O empreendedorismo é um movimento mundial pelo qual se estabelece relações econômicas, tecnológicas, culturais e sociais entre países e empresas, apresentando como resultados a inovação, a geração de novos postos de trabalho e uma nova formação para os profissionais dentro das organizações empresariais.

De acordo com Timmons (1989):

Estamos no meio de uma revolução silenciosa, é o trunfo do espírito criativo e empresarial da humanidade em todo mundo e eu creio que o seu impacto sobre o século 21 vai ser igual ou exceder o da revolução industrial sobre os séculos 19 e 20 (TIMMONS, 1989, apud DEGEN, 2008, p.12).

Dolabela (2008, p.187) cita: “é o início de uma revolução [...] o ensino de empreendedorismo como instrumento para o crescimento econômico e o desenvolvimento social, por meio do estímulo à criatividade e autonomia das pessoas.

Segundo pesquisas realizadas em 1999 pela “Global Entrepreneurship Monitor” (GEM)², o empreendedorismo é o principal fator de desenvolvimento econômico de um país. Dessa maneira, estimular e apoiar o empreendedorismo é a principal ação de qualquer governo para promover o crescimento econômico.

No Brasil, o empreendedorismo surgiu para suprir a necessidade de duas demandas existentes: a acadêmica, pois as Instituições de Educação viram a necessidade de formar universitários que buscavam no empreendedorismo uma oportunidade em sua carreira profissional; e a geração de programas de capacitação, organizados pelo Governo e associações de apoio para suprirem a falta de emprego existente naquele momento.

O empreendedorismo começa a ser visto como objeto de políticas públicas, pois compreender e intensificar o desenvolvimento do empreendedorismo no país seria um compromisso nacional com o desenvolvimento da economia e como alternativa a falta de emprego.

² O programa de pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) é uma avaliação anual do nível da atividade empreendedora, que teve início em 1999 por meio da parceria entre a *London Business School*, da Inglaterra e a *Babson College*, dos Estados Unidos. Inicialmente contava com a participação de 10 países e hoje com mais de 80 países participando do projeto, considerado o maior estudo contínuo sobre a dinâmica empreendedora no mundo.

O empreendedorismo vem assumindo lugar de destaque nas políticas públicas dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, constituindo um elemento fundamental no desenvolvimento e crescimento da economia, imprimindo uma nova forma de pensar e agir. (FILION, 2003)

Com a abertura da economia brasileira na década de 1990:

O movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 1990, quando entidades como SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas. Antes disso, praticamente não se falava em empreendedorismo e em criação de pequenas empresas. (DORNELAS, 2005, p.26)

Posteriormente, foi introduzido o intraempreendedorismo nas organizações empresariais, conduzindo uma nova maneira de pensar e agir dentro das organizações, uma vez que as mudanças organizacionais passaram a fazer parte de uma nova cultura organizacional, principalmente em virtude das rápidas transformações tecnológicas e de comunicação (TICS) nos processos empresariais e de inovação.

Para Pinchot e Pellmann (2004, p. 34) “intraempreendedores são pessoas capazes de transformar ideias em realidade, de arregaçar as mangas e fazer o que tem que ser feito, estas pessoas são os sonhadores que agem.”

De acordo com Hashimoto (2006, p. 22), o intraempreendedor é “qualquer pessoa dentro da organização que utiliza seu talento para criar e conduzir projetos de caráter empreendedor na organização.”

Esse movimento empreendedor passou a exigir das empresas e de seus profissionais a formação de novas competências empresariais.

Franco (2007, citado por SILVA, 2008) ressalta:

A cada dia que passa, mais e mais as pessoas se convencem de que o capital humano é um dos principais fatores do desenvolvimento, e que um dos principais elementos do capital humano é a capacidade das pessoas fazerem coisas novas, exercitando a sua imaginação criadora – o seu desejo, sonho e visão – e se mobilizando para adquirir conhecimentos necessários, capazes de permitir a materialização do desejo, a realização do sonho e a viabilização da visão. Isso tem um nome: chama-se empreendedorismo. Empreendedorismo está sempre ligado à inovação e depende da liberdade das pessoas para criar e da sua ousadia de inventa. (FRANCO, 2007, citado por SILVA, 2008)

Uma das particularidades do empreendedorismo é se basear nas dimensões dos saberes, ou seja, em “saber-fazer”, em “saber-ser”, em “saber-evoluir” e em “saber-viver” de forma harmoniosa com si mesmo e com os outros e sua relação com o meio em que vive. (FILION, 2003)

Resumindo os conceitos dos autores apresentados nesse capítulo:

DOLABELA (2008, p.24)	“O que significa o termo empreendedorismo? É uma livre tradução que se faz da palavra <i>entrepreneurship</i> que contém as ideias de iniciativa e inovação. É um termo que implica uma forma de ser, uma concepção de mundo, uma forma de se relacionar.”
DORNELAS (2005, p.39)	“Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação dessas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso.”
FILION (2003, P.4)	“O empreendedorismo é um conjunto de práticas capazes de garantir a geração de riqueza e está associado à iniciativa, o desembaraço e à inovação, ou seja, fazer coisas novas e/ou de maneira diferente, à capacidade de assumir riscos, pois as pessoas empreendedoras estão sempre prontas para agirem, desde que existam condições propícias para apoiá-las.
RIBAS (2011, p.20)	“Empreendedorismo é um processo individual de acúmulo permanente de experiências e de realizações produtivas, que se idealiza pela inovação e se concretiza por uma ação empreendedora”

Fonte: o autor

Há um alcance comum e complementar nos conceitos aqui abordados e que demonstram ser o empreendedorismo um fator de crescimento econômico e desenvolvimento social, capaz de gerar riquezas por meio de ações ligadas à inovação, à criatividade, à capacidade de assumir riscos, à capacidade de buscar as oportunidades e implementar ideias e concretizado por meio do sujeito que pratica a ação empreendedora, ou seja o empreendedor, que será objeto de estudo do próximo capítulo.

2.2 O que é ser empreendedor

Após a contextualização do termo empreendedorismo, o caminho é construir o conhecimento sobre o conceito de empreendedor e levantar informações sobre suas características, comportamentos, habilidade e conhecimentos a fim de se obter as informações necessárias para o entendimento da competência empreendedora.

Segundo Dornelas (2005), o primeiro uso do termo “empreendedor” foi creditado a Marco Polo que o definia como aquele aventureiro que assumia papel ativo, correndo todos os riscos físicos e emocionais.

Ainda de acordo com o autor citado acima, na Idade Média, o termo foi utilizado para definir o indivíduo que gerenciava grandes projetos e estava relacionado à prestação de serviços ao governo.

Nos séculos XVI e XVII, o termo empreendedor foi diferenciado entre o que assumia riscos e aquele que fornecia o capital (o capitalista), devido ao início da industrialização que ocorria no mundo.

Segundo Degen (1989, pg.10), “ser empreendedor significa ter a necessidade de realizar coisas novas, pôr em prática ideias próprias, característica de personalidade e comportamento que sem sempre é fácil encontrar.”

Filion (1999), define o empreendedor como “uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões.”

“Empreendedor “é uma pessoa capaz de transformar um sonho, um problema ou uma oportunidade de negócios em uma empresa viável.” (FORTIN,1992 *apud* DOLABELA, 2008, p.68)

Para Oliveira (1995, p.22):

Empreendedor é todo indivíduo que, estando na qualidade de principal tomador das decisões envolvidas, conseguiu formar um novo negócio ou desenvolver negócios já existentes, elevando substancialmente seu valor patrimonial, várias vezes acima da média esperada das empresas congêneres no mesmo período e no mesmo contexto sócio-político-econômico, tendo granjeado com isso alto prestígio perante a maioria das pessoas que conhecem essa empresa ou tem relacionamentos com ela. (OLIVEIRA,1995, p.22)

Para Chiavenato (2006, p.3), “empreendedor é a pessoa que inicia e/ou opera um negócio³ para realizar uma ideia ou projeto pessoal, assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente.”

Para Dornelas (2008), a melhor definição para o termo “empreendedor” é a definição feita por Joseph Schumpeter (1949):

O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos materiais. (Schumpeter; 1949)

O empreendedor é o sujeito principal da ação empreendedora e no processo de “destruição criativa” faz as coisas acontecerem, contribuindo para a formação de riqueza e conduzindo a economia de um país. (RIBAS, 2011)

O processo de desenvolvimento de uma economia se dá por meio de novos empreendimentos e negócios, produtos, métodos produtivos, e o agente dessa inovação é o

³ Segundo Chiavenato (2006, p.22) “Negócio é um esforço organizado por determinadas pessoas para produzir bens e serviços, a fim de vendê-los em um determinado mercado e alcançar recompensa financeira pelo seu esforço.

empreendedor, que por meio de sua ação faz as coisas acontecerem, agregando valor ao processo.

De acordo com Dornelas (2008), o termo empreendedor (“*entrepreneur*”) tem origem francesa e quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo.

Segundo Dolabela (1999, p.45), “um dos principais atributos do empreendedor é identificar oportunidades e buscar recursos para transformá-las em negócio lucrativo.”

Associando-se as características, habilidades e comportamentos encontrados em um empreendedor às competências e habilidades de um administrador poderá se obter melhores processos e técnicas mais eficazes para o sistema organizacional e para melhoria da empresa.

Segundo Drucker (1986; p.39), empreendedores inovam, pois a inovação é um instrumento específico dos empreendedores, pelo qual exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou serviço diferente e uma competência essencial para um todo tipo de empresa e negócio.

O empreendedor de sucesso possui características extras, além dos atributos do administrador, e alguns atributos pessoais que, somados a características sociológicas e ambientais, permitem o nascimento de uma nova empresa. De uma ideia, surge uma inovação, e desta, uma empresa. (DORNELAS, 2005, p.32)

Conforme Dornelas (2005 p. 47), há duas correntes principais que possuem elementos comuns. A corrente dos economistas, que associaram o empreendedor à inovação; e a corrente dos comportamentalistas, que enfatizam aspectos comportamentais e atitudinais, como a criatividade e a intuição.

Em todas as definições colocadas, nota-se um consenso entre os teóricos sobre o comportamento de um empreendedor, ou seja, o sujeito capaz de inovar, gerador de negócios, implementador de ideias, tomador de riscos.

Segundo Shapero (1975, p. 187):

Em quase todas as definições de empreendedorismo, há um consenso de que estamos falando de uma espécie de comportamento que inclui: (1) Tomar iniciativa, (2) organizar e reorganizar mecanismos sociais e econômicos a fim de transformar recursos e situações para proveito prático, (3) aceitar o risco ou o fracasso. (SHAPERO, 1975, p. 187, citado por BISPO, 2012)

Por definição, entende-se por característica, uma qualidade ou um atributo que permite identificar alguém, distinguindo-o dos seus semelhantes.

De acordo com McClelland (1961), Filion (1999) e Dornelas (2006), as características mais encontradas nos empreendedores são:

TABELA 1 : CARACTERÍSTICAS DOS EMPREENDEDORES POR MCCLELAND (1961)

Iniciativa	Busca de informações
Busca de oportunidades	Detalhamento de planos e controle
Perseverança	Capacidade de persuasão
Comprometimento	Estabelecer redes de contatos pessoais
Busca de qualidade e eficiência	Independência
Coragem para assumir riscos calculados	Autonomia
Fixação de metas e objetivos	Autocontrole

Fonte: Chiavenato, 2014, p. 16

TABELA 2: CARACTERÍSTICAS DOS EMPREENDEDORES POR FILION (1999)

Inovação	Otimismo	Tolerância a ambiguidade e incerteza
Liderança	Orientação para resultados	Iniciativa
Riscos Moderados	Flexibilidade	Capacidade de aprendizagem
Independência	Habilidade para conduzir situações	Habilidade na utilização de recursos
Criatividade	Necessidade de realização	Sensibilidade a outros
Energia	Autoconsciência	Agressividade
Tenacidade	Autoconfiança	Tendência a confiar nas pessoas

Fonte: Revista de Administração, 1999, p.9

TABELA 3: CARACTERÍSTICAS DOS EMPREENDEDORES POR DORNELAS (2005)

São visionários	São independentes e constroem o próprio destino
Sabem tomar decisões	Assumem riscos calculados
São indivíduos que fazem a diferença	São líderes e formadores de equipes
Sabem explorar ao máximo as oportunidades	Criam valor para a sociedade
São determinados e dinâmicos	São bem relacionados
São dedicados	Possuem conhecimento
São otimistas e apaixonados pelo que fazem	São organizados
Planejam	Inovam

Fonte: DORNELAS, 2005

Em resumo, em todos os referenciais bibliográficos, parece haver um consenso quanto a definir os empreendedores como não sendo natos, mas passíveis de aprendizado por meio do desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e experiências.

Dentre os autores pesquisados, as principais características citadas para definir os empreendedores são planejamento, estabelecimento de metas e busca por resultados, organização, liderança, competência gerencial, correr riscos calculados, tomar decisões eficazes e possuir visão de futuro voltada a explorar ao máximo as oportunidades, transformam ideias e realizam sonhos e criam valores para a sociedade e para o seu negócio, produto ou serviço.

Outras características citadas são aquelas que definem o “SER” dos empreendedores, ou seja, possuem iniciativa, são persistentes, comprometidos, dedicados, criativos, inovadores, dinâmicos, visionários, otimistas e bem relacionados.

3. A EDUCAÇÃO E O EMPREENDEDORISMO

3.1 O sentido da educação

O sentido da educação é a humanização, ou seja, possibilitar que os seres humanos tenham condições de participar e desfrutar dos avanços da sociedade. (PIMENTA, 2008)

Não é possível pensar em educação sem a pensar no “homem”. Deve-se pensar na educação a partir do conceito do homem ontológico, pois a educação não é algo vazio, não é neutra. A ela cabe formar e transformar o homem para e com o objetivo de transformar a sociedade. (FREIRE, 1997)

O ensino não é uma atividade vazia e sim está ligado ao conteúdo, integrando ideias à prática, à experiência, ou seja, o ensino é o conjunto de atividades que transforma o currículo em prática para produzir aprendizagem concreta para o aluno. (SACRISTÁN, 1998)

A organização dos conteúdos determina a forma como se ensina e a seleção desses saberes tem que observar uma finalidade clara em termos de ensino e sua função social. É imprescindível a inclusão de novos conteúdos de aprendizagem para um bom sistema educativo que se manifesta sensível às diferentes demandas sociais e de um mundo em constante evolução e mudança de ideia. (ZABALA, 2002)

A função básica do ensino é potencializar as capacidades para responder aos problemas reais em todos os âmbitos do desenvolvimento pessoal, social, emocional e profissional. (ZABALA, 2002)

3.2 O ensino de empreendedorismo nas instituições de ensino superior

O empreendedorismo tem atraído cada vez mais a atenção de estudiosos e devido à relevância dessa área. Muitas instituições educacionais têm se preocupado em incluir em seus currículos cursos, disciplinas e competências voltados à ação empreendedora, buscando a qualificação e a formação de profissionais preparados para a demanda do mercado de trabalho contemporâneo.

Segundo Filion (2003), o empreendedorismo é um domínio específico, um campo de estudo e não uma disciplina, para o qual não existe um paradigma absoluto, ou um consenso científico. O empreendedorismo se traduz num conjunto de práticas capazes de garantir a geração de riqueza. (CNI/IEL, 1999; Fayolle, 2003; Filion, 1993; 1999a et b; 2000; Filion et Dolabela, 1999; Fortin, 2002).

A pedagogia empreendedora é o que pode provocar a mudança cultural, ou seja, uma nova forma de relacionamento entre as pessoas, o relacionamento democrático onde todos têm a mesma autonomia, o poder de influenciar o seu próprio futuro e o de sua sociedade. (DOLABELA, 2003)

Para Peter Drucker (1993):

Muito do que se ouve sobre empreendedorismo está errado. Não é nada de mágico; não é mistério; e não tem nada a ver com genes. É uma disciplina, pode ser aprendida. (DRUCKER, 1993, p.39)

Um dos meios essenciais para favorecer a cultura empreendedora de um país seria por meio da educação, pois várias das competências ligadas à valorização do potencial empreendedor podem ser adquiridas no meio educacional. (FILION, 2003)

No Brasil, a educação sempre esteve diretamente relacionada às mudanças econômicas, políticas e sociais, respondendo às necessidades das relações de trabalho e produção.

De acordo com Dolabela (2008, p. 35), “o emprego assume um valor fundamental na formação da nossa sociedade.”

O ensino do empreendedorismo no Brasil inicia em 1980 com Ronald Degen que começa dar aulas na disciplina Diretrizes Administrativas na Fundação Getúlio Vargas (FGV), propondo aos alunos que esses fossem empreendedores. E, em 1981, a Escola de Administração de São Paulo (EASP) criou o curso de Novos Negócios e iniciou oficialmente o ensino do empreendedorismo no Brasil. (DEGEN, 2008)

De acordo com Pimenta (2008), a universidade desempenha o papel de conservar e transformar a sociedade e quanto suas funções universitárias são sistematizadas por meio da criação, do desenvolvimento, da transmissão e da crítica da ciência, da técnica e da cultura. O ensino universitário busca a construção científica e crítica do conhecimento produzido na construção da sociedade.

Na década de 1990, o empreendedorismo começou a ser inserido nos currículos das universidades e atualmente são ministradas competências, disciplinas, conteúdos e processos didáticos voltados a aprendizagem do empreendedorismo, tendo como objetivo a formação de profissionais capacitados e com visão empreendedora e responsáveis por mudanças e pela criação de riqueza de uma organização.

Nas pesquisas realizadas pela GEM em 2012, o Brasil é um país passível de melhoria na Educação e Capacitação. Os especialistas argumentam sobre a necessidade de expandir o ensino do empreendedorismo no nível superior e que as universidades ainda formam seus alunos sem uma visão empreendedora.

Nesse mesmo relatório, no que se refere à Educação e a Capacitação, os especialistas recomendaram ações centradas para aproximar universidade-empresa, investimentos em projetos educacionais para estímulo ao empreendedorismo, investimentos na educação e na valorização do empreendedor como um agente ativo e inovador, ter mais formação sobre empreendedorismo, entre outros.

Segundo pesquisa realizada no Brasil em 2012⁴ com a participação de 6215 estudantes de 46 Instituições de Ensino Superior, abrangendo 11 estados e todas as regiões do país, as Universidades estão bem posicionadas no ensino do empreendedorismo, mas ainda há muito por fazer. Entre elas, 91,3% oferecem cursos ligados ao empreendedorismo, sendo que 76,1% oferecem cursos para graduação.

A seguir, observa-se na tabela as universidades participantes da pesquisa:

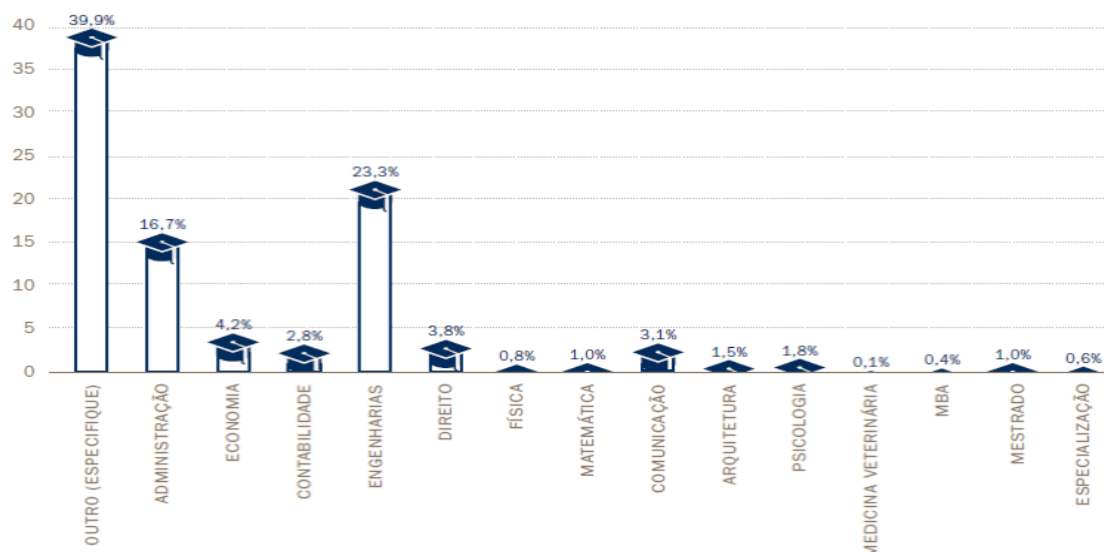
TABELA 1: UNIVERSIDADES PARTICIPANTES

CESUPA	FACULDADE	IBMEC /	NEWTON	UESB	UFMS /	UFOP	UFU	UNIFEI
EACH	NOVOS	MINAS GERAIS	PAIVA	UFBA	AQUIDAUANA	UFPE	UNA	UNIMEP
USP	HORIZONTES	IBMEC / RJ	PUC-RIO	UFF	UFMS /	UFRJ	UNESP	UNIS
EESP	FACULDADE	INATEL	PUCRS	UFF - ENG.	PANTANAL	UFRPE	UNICAMP	UPE
FGV	SALESIANA	INSPER	SENAC / SP	EL.	UFMS /	UFSC	UNIFACS	UTFPR
ESADE	DE MATO	ITA	UEL	UFMG	PARNAÍBA			
ESPA	GROSSO				UFMS /			
ESPM	FAE				TRÊS LAGOAS			
	FECAP				UFMT			
	FEI							

Fonte: “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras 2012” – Endeavor Brasil, p.9

No gráfico a seguir, observa-se que entre os cursos de origem dos entrevistados que já cursaram disciplinas ligadas ao empreendedorismo, 16,7% fazem graduação em Administração de Empresas.

⁴ Pesquisa realizada em 2012 pelo “The Entrepreneurship Education Project (EEP)” para avaliar o impacto dos cursos de empreendedorismo as atitudes, comportamentos e habilidades dos alunos e seu impacto sobre as IES. O EEP será replicado a cada dois anos, em 40 países, para criar um conjunto de dados confiáveis que possam ser comparados internacionalmente.

GRÁFICO 11: CURSOS DOS ESTUDANTES ANALISADOS

Fonte: “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras 2012” – Endeavor Brasil, p.18

Alguns estudiosos do empreendedorismo, tais como Fernando Dolabela e Jacques Filion entre outros, estão voltados a aplicar programas baseados em seus estudos, pesquisas e experiências nas universidades brasileiras.

Segundo Dolabela (1999, p. 52):

Como campo de estudo acadêmico, o empreendedorismo é muito novo; pode-se dizer que tem cerca de duas décadas. Considera-se que ainda está em fase pré-paradigmática e que demorará muito tempo para atingir uma base científica, apesar de ser um campo efervescente em termos de pesquisas e publicações. (Extraído e adaptado de A. Cooper – “Enterpreneurship, the past, the presente, the future”, USASBE Conference, Clearwater, Flórida, 1998)

Segundo Masseto (2003), o propósito da educação deve ir além do propósito de desenvolver a capacidade cognitiva dos alunos, ou seja, incluir e aperfeiçoar a de pensar do aluno, com um significado o que ele aprende associada a sua atividade profissional, para que tenha a capacidade de construir o seu próprio conhecimento.

Os estudantes precisam saber empreender e não ficar somente limitar-se aos conhecimentos específicos de sua área de graduação, pois a capacidade de criar algo só se aprende na ação e quando se tem perfil pra isso, perfil esse que pode ser adquirido, aprendido ou desenvolvido. (DOLABELA, 2008)

No âmbito dos estudos aplicados como administração de empresas, é necessário que a escola ofereça aos graduandos um conjunto de cursos para uma formação que lhes permitam valorizar o seu potencial empreendedor, conduzindo-os de forma autônoma e oferecendo características exigidas nesse novo mercado de trabalho. (FILLION, 2003)

De acordo com a pesquisa realizada pelo o Conselho Federal de Administração, percebe-se uma preocupação quanto ao desenvolvimento de novos empreendedores para a formação de empresas eficientes e lucrativas, tendo em vista este tema como conteúdos nos cursos de Administração.

Segundo Degen (2008), o ensino do empreendedorismo está cada vez mais se difundindo nas escolas de administração no Brasil. É imprescindível que os administradores tenham experiência e maturidade para visualizar as oportunidades de negócio baseadas em inovação e novas tecnologias, além de noções de sociologia, ciências comportamentais e ambientais.

Esses profissionais serão dirigentes e líderes de empresas e organizações, assumindo um papel de propagador e multiplicador de seus conhecimentos e aplicando suas habilidades e competências na liderança, estimulando e motivando uma equipe de pessoas em seus negócios para atingir os objetivos do trabalho.

4. O ADMINISTRADOR E A COMPETÊNCIA EMPREENDEDORA

4.1 História da Administração

Com a Revolução Industrial na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX o trabalho passa a ser assalariado e surge a preocupação de se estudar a Administração e as práticas administrativas.

Segundo Hampton (1992), foi uma época dominada por “pioneiros e administradores-fundadores” e a função era a de manter a organização do modo que soubessem. Os funcionários eram vistos como recursos e valorizavam os que obedeciam as ordens sem reclamar. A função da gerência era autoritária e tinham como tarefa escolher ao melhor método para que os trabalhadores executassem seus trabalhos.

Essas ideias foram difundidas pela Administração Científica estudada por Frederic Taylor em 1899. Porém, uma nova abordagem para a solução de problemas ocorridos com os princípios da administração científica ocorreu com o movimento das relações humanas.

Surge por volta de 1910, uma nova abordagem da administração, a Administração Clássica, baseada no princípio de Henry Fayol, que passou a refletir sobre sua própria experiência como gerente e identificou um conjunto de técnicas e métodos administrativos para fazer funcionar uma organização.

Pela abordagem clássica, o foco do trabalho do administrador passa a se concentrar nas funções administrativas do processo, ou seja, com suas bases em planejar, organizar, dirigir e controlar dando ênfase nas estruturas e tarefas da organização.

Diante da necessidade de humanizar a administração, a partir da abordagem da Teoria das Relações Humanas e Comportamental, que se contrapõe às Teorias Científica e Clássica, passa a se dar ênfase às pessoas e não mais a estrutura e tarefas.

A partir desse momento, os trabalhadores deixam de ser vistos como seres “econômicos” e passam a ser considerados seres “sociais” com necessidades de interação, participação e contribuição. (HAMPTON, 1992)

A administração começa a reconhecer o lado emocional e social dos trabalhadores como condição fundamental para se atingir o objetivo coletivo e aumentar a produtividade nas organizações. (HAMPTON, 1992)

Nesse referencial teórico da abordagem humanista e comportamental, encontram-se Mary Parker Follet (1868-1933), George Elton Mayo (1880-1949), Kurt Lewin (1890-1947),

Hebert Alexander Simon (1945), Abraham H. Maslow (1908-1970), Frederick Herzberg (1959) e Douglas M. McGregor (1960) (HAMPTON, 1992).

Atualmente, as ideias da administração contemporânea enfatizam as organizações como sistemas onde tudo está interligado e que a eficácia de qualquer prática gerencial depende das características particulares da situação à qual está sendo aplicada. (HAMPTON, 1992, p.28)

Retirado da obra de Dornelas (2008), abaixo pode-se observar um resumo da evolução histórica das teorias da administração:

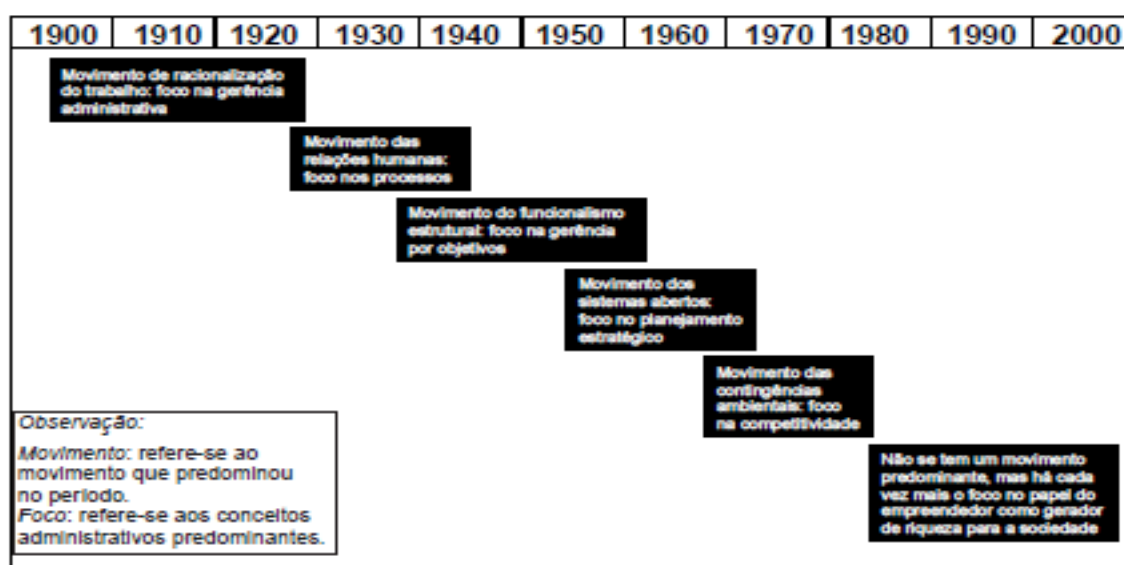


Figura 2.1 Evolução histórica das teorias administrativas (adaptado de Escrivão Filho, 1995).

Fonte: Dornelas, 2008, p.09.

4.2 Competência do Administrador

O ensino da administração surgiu no Brasil em 1902 e está relacionado ao processo de desenvolvimento do país. Sua regulamentação só ocorreu em 1931, ganhando impulso no governo de Juscelino Kubitschek.

Conforme dados do Conselho Federal de Administração, na década de 1960 foi regulamentado o exercício da profissão que passou a ser privativo dos bacharéis em Administração de Empresas diplomados no Brasil em cursos de ensino superior, cujo currículo mínimo é fixado pelo Conselho Federal de Educação pelas Leis de Diretrizes e Bases.

Nos últimos anos, o tema competência, conhecimento e habilidades tomou impulso e entrou para a pauta das discussões acadêmicas e empresariais, associado a diferentes instâncias de compreensão: em termos da pessoa (as competências do indivíduo), das organizações (as

core competences) e dos países (sistemas educacionais e formação de competências). (FLEURY, 2001, p.190)

De acordo com Balzan (2010), as competências para ensinar têm origem na segunda metade do século XIX, e não na pós-modernidade, e está baseada e centrada no modelo de Frederic Taylor (administração científica).

O conceito foi construído baseado na ideia de “tarefa” e concretizado pela produção e reprodução das atividades produtivas. Portanto, ideias assimiladas pela administração e acolhidas com entusiasmo pela área educacional.

É uma noção bastante imprecisa e decorreu da necessidade de avaliar e classificar novos conhecimentos e novas habilidades geradas a partir das novas exigências de situações concretas de trabalho, associada, portanto, aos novos modelos de produção e gerenciamento, e substitutiva da noção de qualificação ancorada nos postos de trabalho e das classificações profissionais que lhes eram correspondentes. (HIRATA, 1994, p. 132)

Na definição do conceito, para Chiavenato (2003) competência é a qualidade de quem é capaz de analisar uma situação, apresentar soluções e resolver problemas e para que se administre uma organização.

Para Zarifian (2003), os elementos que definem competência são a tomada de iniciativa e responsabilidade do indivíduo em situações profissionais, é uma inteligência prática das situações apoiadas no conhecimento adquirido e compartilhar desafios e assumir responsabilidades.

De acordo com a Unesco (2004), competência pode ser definida como:

[...] a capacidade de enfrentar com sucesso exigências complexas ou levar a cabo uma tarefa. Neste âmbito, um desempenho competente, corresponde à combinação de habilidade cognitivas e práticas inter-relacionadas, conhecimento (incluindo o conhecimento tácito, motivação, valores e ética, atitudes, emoções e outros componentes sociais e comportamentais e o contexto. (UNESCO, 2004)

Barini (2008), entende por competência:

Competência corresponde ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que viabilizam a um indivíduo imprimir sua visão, estratégias e ações na criação de valor (tangíveis ou intangíveis) para a sociedade. (BARINI, 2008, p.42)

Masetto (2003), complementa a definição de competência com a característica “valores”:

É uma definição que insiste em deixar claro que competência sempre tem a ver com uma série de aspectos que se desenvolvem conjuntamente: Valores, Conhecimentos, Habilidades e Atitudes. (MASETTO, 2003, p.24)

Segundo Zarifian (2003), a competência se manifesta sempre em relação a algo e em relação a uma situação. Ela não se exerce sem mobilizar vários recursos, sendo eles da organização e recursos próprios do sujeito.

Portanto, para um entendimento das competências exercidas pelo administrador (recursos próprios do sujeito) é importante definir o que vem a ser uma organização e do conceito de administrar (recursos da organização).

De acordo com Hampton (1992, p.8), a administração contemporânea define “organização” como sendo uma combinação de pessoas e tecnologia para atingir um determinado objetivo. Portanto, empresa é uma organização de pessoas, dinheiro e materiais compondo os recursos que ingressam na organização.

Toda organização tem três partes básicas: pessoas, tarefas e administração. O trabalho de um administrador envolve combinar e dirigir com eficácia os recursos necessários para atingir objetivos específicos.

No início dos anos 70, Henry Mintzberg questionou a ideia de Fayol de que os administradores apenas planejam, organizam, dirigem e controlam.

Os administradores, além das funções que dizem respeito ao processo administrativo (planejar, organizar, dirigir e controlar), têm funções de responsabilidades gerenciais.

Além disso, concluiu que os aspectos básicos do trabalho de administrador são decisões, relações humanas e processamento de informações.

Essas funções administrativas se combinam com o desempenho dos papéis, especialmente com os que envolvem a administração de recursos e a tomada de decisões.

Competências, habilidades e atitudes do administrador segundo o Conselho Federal de Administração:

- Identificação de problemas, a formulação e a implantação de soluções, a segunda alternativa escolhida é uma consequência da primeira, pois trata de desafios e solução de conflitos;
- As habilidades percebidas situam-se na capacidade de se relacionar e exercer liderança e na visão do todo com capacidade de adaptação à transformação; tudo isso exercitando sempre a criatividade e a inovação, agregando novas técnicas aos processos;
- Atitudes, priorizando o comportamento ético, o comprometimento e o profissionalismo.

O administrador encontra em sua gestão problemas frequentes de diferentes aspectos e sob sua responsabilidade gerencial cabe-lhe administrar e solucionar esses problemas de forma eficiente e eficaz, buscando atingir metas e objetivos da organização para a qual trabalha.

Ao administrador de empresas cabe estimular e desenvolver as condições ambientais e organizacionais dentro das empresas, criando valores favoráveis para o trabalho e direcionando recursos para atingir os objetivos empresariais.

Cabe ao administrador prover as condições necessárias para manter a organização e facilitar a obtenção dos fins específicos para isso. Precisam saber lidar com muitos problemas e tomar decisões constantes em sua gerência, conciliando todos os recursos disponíveis.

A principal função do administrador é desenvolver e manter uma adaptação dinâmica entre as pessoas e as tarefas, necessária para produzir a eficiência da organização e a satisfação humana. (HAMPTON; 1992; pg. 35)

Segundo a quinta versão da pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Administração (CFA)⁵ em 2011, as principais características percebidas pelos Empresários/Empregadores nos Administradores foram:

- Conhecimentos específicos para a administração estratégica, a área de finanças/orçamentária e a motivação de pessoas e equipes;
- Competências para a identificação de problemas, formulação e implantação de soluções;
- Habilidades quanto ao relacionamento interpessoal, à visão do todo e ao seu preparo para a liderança;
- Atitudes desejáveis compreendem o comprometimento, o comportamento ético e o profissionalismo.

A pesquisa ainda aponta que a Administração está em alta no País e constata que o Administrador continua sendo bem avaliado pela maioria dos empresários e empregadores.

Os resultados da pesquisa consagram como identidade do Administrador ao de um profissional que atua com visão sistêmica da organização; formador, líder e motivador de equipes; articulador das áreas da organização e otimizador na utilização de recursos.

4.3 A contribuição da competência empreendedora ao administrador de empresas

⁵ O CFA – Conselho Federal de Administração é um órgão normativo, consultivo, orientador e disciplinador e tem como uma das principais finalidades orientar e disciplinar o exercício da profissão e dos profissionais de Administração – disponível em: <http://www.cfa.org.br/institucional/conselho-federal/finalidade>

De acordo com Drucker (1986, p.24), a administração é a nova tecnologia que está a ponto de fazer da América uma sociedade empreendedora e o empreendimento absolutamente necessário na sociedade requer a aplicação dos conceitos básicos da Administração para resolver problemas novos e oportunidades novas.

Segundo Dolabela (1999, p. 45), “o empreendedorismo é visto como um ramo da administração de empresas.”

O profissional dos novos tempos deve ter um compromisso com a inovação e estar preparado para realizá-la, ter coragem de assumir riscos, realizar uma obra, pesquisa ou projeto, transformar sonhos em realidade, ser autossuficiente e aproveitar as oportunidades. (DOLABELA,1999, p.21)

Durante o período de desenvolvimento dos conceitos básicos da administração e de gestão, os empreendedores foram confundidos com os administradores e analisados como aqueles que organizam a empresa.

Ribas (2011), em seus estudos adota a seguinte definição para competência a ser desenvolvida pelo empreendedor: “competência empreendedora corresponde ao conjunto de capacidades, conhecimentos, habilidades e atitudes que o empreendedor deverá desenvolver para realizar com sucesso a ação de empreender.” (RIBAS, 2011, p.51)

De acordo com Filion (2003), o empreendedorismo não se baseia somente em transmitir conhecimentos, mas também em “saber-fazer” ("know-how"), em “saber-ser”, em “saber-evoluir” e em “saber-viver” harmoniosamente com si mesmo e com os outros. Na gestão do administrador empreendedor é primordial o “saber-ser”, ou seja, a forma como uma pessoa define-se a si próprio, como define a sua relação com o meio e a aprendizagem da liderança. Este é um ponto tão importante quanto a aquisição de competências ligadas ao "know-how" (“saber-fazer”).

Os Referenciais Educacionais do SEBRAE (2006)⁶ definem como competências do empreendedor o “saber conhecer”, o “saber-ser-conviver” e o “saber fazer”, definindo-as da seguinte forma:

- “Saber-conhecer”: inclui competências cognitivas, razão-lógica, pensamento crítico, conhecimentos gerais e específicos, tecnológicos esquemas estruturais cognitivos.

⁶ Os Referenciais Educacionais do SEBRAE apresentam as diretrizes orientadoras de sua ação educacional direcionada para o desenvolvimento humano mais harmonioso e contemplando as múltiplas dimensões do ser humano: saber conhecer, saber fazer e saber ser/conviver, com ênfase no desenvolvimento das competências necessárias ao sucesso dos empreendedores do século XXI.

Análise, argumentação, julgamento, discernimento, formulação de hipótese, raciocínio analítico;

- “Saber-ser-conviver”: inclui competências atitudinais, intuição-síntese, pensamento crítico, autodesenvolvimento, inovação e criatividade, orientação para mudanças, relacionamento interpessoal, parceria, cooperação, persuasão, negociação, autoconfiança, ludicidade, pro-atividade, pensamento sistêmico, inter-relacionamento, visão de equipe, respeito à diversidade;
- “Saber-fazer”: inclui competências de aplicação motriz, pensamento operacional, aplicação, pragmatismo, orientação para resultados, prática de valores organizacionais, orientação para a qualidade, gerenciamento de equipes, liderança, execução de autogerenciamento, aplicação de estratégias processo decisório.

As quatro habilidades fundamentais para um administrador, e que foram adaptadas e usadas para avaliar o preparo dos candidatos a empreendedor são:

Produzir ou realizar tarefas requeridas com eficiência; administrar ou fazer outros produzirem ou realizarem as tarefas com eficácia; empreender ou ser proativo na procura em melhorar a eficiência; integrar ou formar, liderar e motivar a equipe para produzir ou realizar tarefas com eficiência e eficácia. (ADIZES, 1979; apud LOPES, 2011, p. 217)

De acordo com Herbert Simon (1963), administrar é sinônimo de tomar decisões de modo que a melhor maneira de analisar o comportamento de uma organização é avaliar a estrutura dos processos decisórios. Portanto, tomar decisões faz parte do “saber-fazer” de um empreendedor como também das competências de um administrador.

Tomando-se o exemplo acima, como também, tomando-se por base muitas das competências do administrador e do empreendedor, pode-se observar que há uma congruência no que diz respeito a tomar decisões, tomar iniciativa e serem capazes de agir, de realizar de forma constante suas ações e fazer as coisas acontecerem.

A filósofa Hannah Arendt associa diretamente a iniciativa (começar alguma coisa) ao conceito de agir (colocar algo em movimento). E acrescenta que os homens uma vez que podem agir são capazes de realizar constantemente coisas. Acrescenta que o trabalho moderno consiste em um agir e para isso necessita mobilizar suas competências diante das situações profissionais. (ZARIFIAN, 2003)

Para Mintzberg (2009), as habilidades de empreendedor envolvem a busca de problemas e oportunidades e a implementação controlada de mudanças organizacionais.

Para Dornelas (2008), a diferença do empreendedor para o administrador comum é que o empreendedor vai além das tarefas normalmente relacionadas aos administradores, tem uma

visão mais abrangente e não se contenta em apenas fazer o que deve ser feito. Eles possuem alguns atributos pessoais que, somados as características sociológicas e ambientais, permitem o nascimento de uma nova empresa. São indivíduos que fazem a diferença.

Uma empresa tem sucesso se bem gerenciada. Mas quem é o gerente? Os gerentes são formados pela escola de administração. O conhecimento técnico e a função gerencial na empresa são essenciais, mas são só parte de um processo. Também é necessário a visão de um empreendedor para completar e complementar o bom gerenciamento, pois o empreendedor é alguém muito criativo capaz de ver as oportunidades a partir do nada e liderar pessoas na realização de um objetivo.

Gerentes e empreendedores são diferentes na forma de abordar a empresa, no comportamento, nas atitudes e na visão de mundo. O empreendedor deve ser também gerente, ou seja, ele necessita desenvolver essa habilidade para realizar com sucesso a sua visão complementar. (DOLABELA, 2008, p.111)

Gerber (2004), descreve as diferenças entre o empreendedor, o administrador:

- O empreendedor transforma uma situação comum em uma oportunidade excepcional uma vez que tem a característica de ser um visionário, tem visão no futuro e menos pragmático, é inovador, estrategista, cria novos métodos e negócios. Trata de uma personalidade criativa, cria possibilidades, tem necessidade de mudanças;
- O administrador tem uma personalidade pragmática, sem ele não haveria planejamento, ordem. O administrador vive no passado. É sistemático na forma de organizar.

Ainda, Gerber (2004) faz uma interessante comparação entre as diferenças do administrador e do empreendedor:

- Se o empreendedor vive no futuro x o administrador no passado;
- Se o empreendedor almeja controle x o administrador almeja ordem;
- Se o empreendedor obtém sucesso x o administrador se agarra no “status quo”;
- Onde o empreendedor vê oportunidade x o administrador vê problemas;
- O administrador cria esquemas extremamente organizados e o empreendedor cria coisas para as quais o administrador impõe regras;
- O administrador é quem corre atrás do empreendedor para arrumar a bagunça, sem o empreendedor não haveria bagunça para arrumar;
- Sem o administrador não haveria nem negócios, nem sociedade;
- Sem o empreendedor não haveria inovação.

Segundo Gerber (2004, p.17). “É a tensão entre a visão do empreendedor e o pragmatismo do administrador que cria a síntese⁷ da qual todos os grandes trabalhos nascem.”

Tomando-se por base a filosofia de Kant, a síntese constitui um ato fundamental para o conhecimento. Refere-se à síntese como uma atividade que liga diversas representações e concebe a diversidade destas em um conhecimento. É por meio da operação da síntese que a diversidade de elementos torna-se um conteúdo para um conhecimento possível. A síntese é a reunião de diversas partes do todo em uma unidade. (KANT citado por FREIRE, 2008)

No conceito filosófico, a dialética é a contraposição das ideias que levam a outras ideias, ou seja é a história das contradições. Nesse contexto filosófico, a contraposição e diferenças nas características e perfis do administrador e do empreendedor, fundem-se para criar uma novo conhecimento. Para Hegel, a verdade é o todo é o assumir de entidades opostas (tese e antítese) numa unidade superior (dialética). A síntese filosófica é um processo que procede do simples para o composto, dos elementos para o todo, das causas para as consequências.

Combinar as técnicas e competências de um administrador com as competências e características do empreendedor pode contribuir com a construção de um profissional dos novos tempos, baseado na argumentação que “um empreendedor não se faz, mas um empresário, um administrador, se constrói.” (BIEDERMANN, 2004 citado por VANIN, 2005)

A administração necessita de profissionais que possuam características e comportamentos empreendedores, pois são indivíduos que possuem competências para lidar com adversidades e identificar oportunidades, gerando inovações que podem transformar e desenvolver e manter o processo dinâmico entre pessoas e tarefas, necessário para a eficiência na organização e para a satisfação humana.

Portanto, o administrador que de forma complementar adquire conhecimentos, habilidades, atitudes e características empreendedoras estaria sendo um administrador completo, uma vez que estaria combinando as suas competências com as do empreendedor de sucesso.

⁷ Síntese é um substantivo feminino proveniente da palavra grega “synthesisque” que indicava uma composição ou arranjo. Uma síntese pode ser um resumo, sumário, sinopse, ou seja, uma descrição abreviada de um texto. <http://www.significados.com.br/sintese>

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como finalidade identificar as contribuições da competência empreendedora na formação e prática profissional do administrador de empresas uma vez que esse profissional atuará num mercado de trabalho competitivo e de constantes e profundas mudanças tecnológicas e inovadoras, estimulado cada vez mais pelo empreendedorismo como forma para acompanhar essas mudanças.

Para se alcançar o objetivo da pesquisa, buscou-se definir e contextualizar os conceitos de empreendedorismo e empreendedor, verificar as competências do empreendedor e do administrador de empresas e demonstrar a importância do tema para a educação superior, para o mundo do trabalho contemporâneo e para a administração de empresas.

Conforme o que se apresentou nesse estudo, o empreendedorismo não é algo recente, tendo seu primeiro significado por volta do século XVII com uma concepção ligada ao desenvolvimento econômico e passando, posteriormente, a ter um significado comportamental, assumindo no mundo contemporâneo destaque nas políticas públicas dos países como elemento fundamental de desenvolvimento e crescimento da economia e das organizações.

Atualmente, é um dos temas mais estudados e publicados e pode ser definido como um importante fenômeno do mundo globalizado, por representar para o século XXI uma revolução na economia, na política, na cultura, nos processos de produção, da organização do trabalho, nos valores sociais e na formação dos profissionais.

O empreendedorismo representa um movimento mundial pelo qual se estabelece relações econômicas, tecnológicas, culturais e sociais, resultando na inovação, geração de novos postos de trabalho e uma nova formação para os profissionais dentro das organizações de trabalho.

Portanto, pode-se constatar que as empresas buscam cada vez mais profissionais que sejam qualificados e preparados para atuarem com efetividade na inteligência dos processos e que possuam visão, conceitos e práticas inovadoras e criativas capazes de encontrar novas formas de fazer negócios, de gerir um empreendimento, de criar negócios de sucesso e de transformar ideias em oportunidades.

Nas organizações, o empreendedorismo conduz a uma nova cultura organizacional, pois representa uma nova forma de pensar.

Verificou-se com esse estudo, que a educação no Brasil sempre esteve diretamente relacionada as mudanças econômicas, políticas e sociais, respondendo as necessidades das relações de trabalho e de produção.

Diante dessas mudanças da sociedade do conhecimento, as Instituições de Educação Superior necessitam cada vez mais preparar e qualificar os alunos para corresponderem à demanda do mercado de trabalho, pois cabe a educação formar e transformar o homem e potencializar as suas capacidades para o desenvolvimento pessoal, social, emocional e profissional preparando-o para transformar a sociedade.

Os estudos mostraram que o empreendedor é aquele que por meio de sua ação empreendedora faz as coisas acontecerem e dentre as definições levantadas nesse estudo todas convergem para defini-lo como alguém que tem a iniciativa de criar novas formas de organização, aqueles que inovam, que são criativos e agregam valor aos negócios.

O empreendedor é um ser social e representa um agente de mudança responsável pelo crescimento econômico e social. O administrador além de suas competências e funções estabelecidas para o exercício da sua profissão, pode internalizar essa visão de um empreendedor e em sua liderança ser responsável por essa mudança na cultura organizacional e no desenvolvimento do negócio em que está à frente.

Ao decorrer da pesquisa verifica-se que o potencial empreendedor oferece aos estudos de administração características exigidas pelo novo mercado de trabalho. O empreendedorismo pode ser ensinado, portanto é possível desenvolver características empreendedoras nos alunos.

Para que o administrador imprima sua visão, estratégias e ações para dirigir com eficácia os recursos necessários para atingir os objetivos de uma empresa/organização, esse necessita de um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que pode ser denominada como competências.

O desenvolvimento da competência empreendedora contribui com a construção de um profissional da administração capaz de aplicar com maior eficácia os conhecimentos e habilidades adquiridos com os conceitos da administração e do empreendedorismo, resultando num profissional dos novos tempos e que corresponda as novas demandas do mercado de trabalho.

Pode-se constatar com a presente pesquisa, que a competência empreendedora contribui a prática de várias funções e prática profissional do administrador de empresas:

1. Contribui para transformar o pragmatismo do administrador em uma nova forma de pensar e agir, com visão e concepção ligada a inovação e as estratégias para criação de um novo método e negócios.
2. Contribui para que o administrador desenvolva uma visão de futuro instigada pela necessidade de realizar o novo, indo além dos conceitos antigos da

administração e das tarefas e funções administrativas. Passam a ser indivíduos que fazem a diferença.

3. Contribui com a construção de um profissional capaz de aplicar suas teorias administrativas, técnicas e práticas gerenciais mais eficientes para administrar e gerir uma organização e atuar com padrões e comportamentos éticos, sustentáveis e inovadores.
4. Contribui, capacitando o administrador a tomar decisões voltadas para a inovação dos negócios e métodos orientado para as mudanças, desenvolvendo uma atitude para assumir riscos calculados.
5. Contribui com sua função de liderança e gerenciamento de equipes em busca de resultados, com desenvolvimento do saber ser-conviver e desenvolve as habilidades e competências atitudinais de relacionamento interpessoal, cooperação, parceria e negociação capaz de integrar, formar e motivar a equipe para produzir e realizar o trabalho dentro de uma cultura empreendedora, orientada para a busca de resultados e para a inovação.

Tomando-se por base o conceito filosófico de síntese pesquisado, é por meio da contraposição da visão do empreendedor e o pragmatismo do administrador cria-se um todo que represente o conjunto desses conhecimentos que se completam.

Por fim, essas mudanças representam para o profissional de administração de empresas uma formação que o diferencie no mercado altamente competitivo, pois representa a busca de novos saberes, valores e competências necessárias para novos modos de organização do trabalho e para a construção de uma nova sociedade em que o empreendedorismo apresenta-se como algo ainda recente mas um caminho de novas perspectivas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAN, Newton César. **Cinco teses equivocadas sobre as competências para ensinar**. In

ROVAL, Esméria (Org.) *Competência e Competências: contribuição crítica ao debate*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

BARINI Filho, U. **Transmissão da competência empreendedora**: Um estudo de casos múltiplos. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BISPO, Cláudio dos Santos (et all). **Empreendedorismo e Inovação**. Artigo resultado de Atividade Programada Supervisionada do curso de Administração do Instituto Baiano de Ensino Superior IBES, orientado pela Prof. Andréia Lopes e revisado pela Coordenação do Curso de Administração. Disponível em:

http://www.ibes.edu.br/aluno/arquivos/artigo_empreendedorismo_inovacao.pdf.

Acessado em: 11 set. 2014.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. São Paulo. McGraw-Hill do Brasil, 1983

CFA – Conselho Federal de Administração. Perfil, atuação e oportunidades de trabalho do administrador: pesquisa nacional. Sebastião Luiz de Mello; José Samuel de Miranda Melo Junior; Fauze Najib Mattar. 5ª Ed. – Brasília: CFA, 2011. Disponível em:

<http://www.cfa.org.br/servicos/publicacoes/pesquisas/Pesquisa%20Perfil%202011.pdf/view>.

Acesso em: 20 jul. 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor**: fundamentos de iniciativa empresarial. MCGraw-Hill. São Paulo, 1989.

DEGEN, Ronald Jean. **Empreendedorismo**: uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. Revista de Ciências da Administração. V.10. n.21. p.11-30 mai/ago 2008

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa** – Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**: A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Sextante, 2008.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura, 1999.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora** – São Paulo: Cultura, 2003.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: Transformando ideias em negócios. São Paulo: Campus, 2001.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008

DRUCKER, Peter. **A sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993. "São Paulo, Edit." (1994) Trad. Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo, Pioneira. 1993.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e Espírito empreendedor**. Cengage Learning Editores, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FILION, Louis Jacques. **Empreendedorismo**: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Trad. Maria Leticia Galizzi e Paulo Luz Moreira e revisão final da tradução pelo Prof. Fernando Dolabela. Recebido em dezembro/97 e 2ª versão em setembro/98. Revista de Administração, São Paulo v. 34, n.2, p.05-28, abril/junho 1999.

FILION, L.J., Laferté, S. (2003) **Carte routière pour un Québec entrepreneurial**. Rapport remis au Gouvernement du Québec. Disponível em:
http://www.oei.es/etp/roteiro_desenvolver_empreendedorismo_filion.pdf - acesso em 01 Jun. 2014.

FLEURY, M.T. Leme, OLIVEIRA JR., Moacir de Miranda. **Gestão estratégica do conhecimento** integrando aprendizagem, conhecimento e competências. São Paulo: Atlas, 2001.

FREIRE, Paulo. **Papel da educação na humanização**. Revista da FAEEBA – Faculdade de Educação do Estado da Bahia - Ano 6 - número 7, Jan/Jun 1997, p. 9-32 – disponível em:
<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/obras/artigos/6.html> - acesso em 02 out 2014.

FREIRE, Hálvaro Carvalho. **A síntese do conhecimento e sua relação com as intuições puras na CRP**. Trabalho de mestrado realizado com apoio da CAPES (CAPES - PROCAD PUCRS) – disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/IX/1.13.pdf> - acessado em 15 out 2014

GERBER, Michael E. trad. Ferreira, Gisley Rabello. **O mito do empreendedor**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2004.

HAMPTON, David R. **Administração contemporânea**: teoria, prática e casos. São Paulo: McGraw-Hill, 1992

HASHIMOTO, Marcos. **Espírito Empreendedor nas Organizações**: Aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo. São Paulo: Saraiva, 2006.

HIRATA, H. **Da polarização das qualificações aos modelos de competência**. In: Ferretti, Celso et all (org.). Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994

HOUAISS, Antonio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Profissão professor ou adeus professor, adeus professora?** Exigências educacionais Contemporâneas e novas atitudes docentes. 10ª Ed. São Paulo: Cortez Editora 2007

LOPES, Rose (org.). **Educação empreendedora [recurso eletrônico]:** conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: SEBRAE, 2011.

MASSETO, Marcos T. **Competências pedagógicas para o professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MINTZBERG, Henry: Managing. **Desvendando o dia a dia da gestão**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

OLIVEIRA, M.A. **Valeu! Passos na trajetória de um empreendedor**. São Paulo: Nobel, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2008.

PINCHOT, G. PELLMAN R. **Intraempreendedorismo na Prática:** um guia de inovação nos negócios. Tradução Márcia Nascentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004

PRIBERAM, Dicionário Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/> - acessado em 09 jun 2014

REHEM, Cleunice Matos. **Perfil e formação do professor de educação profissional técnica**. São Paulo: Editora SENAC, 2009

RIBAS, Raul. **“O saber empreendedor:** Diretrizes Curriculares para elaboração de Programas para Formação de Empreendedores com base na Escola Progressiva de John Dewey – Reflexão e Proposta”. Tese de Doutorado. Puc São Paulo 2011

SACRISTÁN, J. Gimeno. Compreender e transformar o ensino. 4 Ed – Porto Alegre: Armed, 1998.

SARKAR, Soumodip. **O empreendedor inovador:** faça diferente e conquiste seu espaço no mercado. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática, v. 3, p. 76-97, 2003.

SQUIRRA, S. **Sociedade do Conhecimento**. In MARQUES DE MELO, J. M.; SATHLER, L. Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005;

SILVA, Paulo Cezar Ribeiro da Silva. **A ação do empreendedorismo como mola propulsora da economia no início do Século XXI.**

http://www.craes.org.br/arquivo/artigoTecnico/Artigo%20de%20Paulo%20Cezar%20Ribeiro%20da%20Silva_25.pdf – acessado em 27/09/2014

SIMON, Herbert A. **A capacidade de decisão e liderança.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes.** – Brasília: UNESCO, 2004.

VANIN, Alexsandro. **Coragem no ambiente hostil.** Revista do Empreendedor. Edição 226, publicada em 09 dez 2009. São Paulo, 2005.

WICKERT, Maria Lúcia Scarpini. **Referenciais Educacionais do SEBRAE: versão 2006 /** Maria Lúcia Scarpini Wickert – Brasília: SEBRAE, 2006. Disponível em:

http://www.comunidade.sebrae.com.br/GESTAOAVANCADA/Downloads/Downloads_GetFile.aspx?id=31659 – acesso em 24 set 2014

ZABALA, Antoni. **Organização dos conteúdos de aprendizagem.** In: Enfoque problematizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZARIFIAN, Philippe. O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. Trad. Eric Roland René Heneault. – São Paulo: Editora Senac, 2003.